

Entre memes e *stickers* na amazônia: a circulação de fotografias clandestinas de professores na cultura midiática

Marcelo Rodrigo da Silva¹
Graciene Silva de Siqueira²

¹ Doutor em Estudos da Mídia (PpgEm/UFRN). Professor adjunto do curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia da Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ/UFAM). Vice-coordenador do grupo de pesquisa Visualidades Amazônicas (VIA/CNPq). Membro do grupo de pesquisa Comunicação, Cultura e Amazônia (Trokanó). E-mail: prof.marcelorodrigo@gmail.com.

² Doutora em Letras (Mackenzie). Professora adjunta III do curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia da Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ/UFAM). E-mail: graciennesiqueira@gmail.com.

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa em andamento e tem o objetivo de propor uma reflexão acerca da difusão sem controle de fotografias clandestinas de professores do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (Icsez) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em Parintins-AM, que trafegam em redes sociais sob a forma de memes e *stickers* a partir do conceito de circulação discutido por Braga (2006 e 2017) e Fausto Neto (2011). Esta reflexão partiu da observação de casos pontuais, embora recorrentes, envolvendo a prática de captura de imagens de professores por alunos, sem autorização prévia, durante o cotidiano do exercício de suas profissões ou em atividades sociais. Essas fotografias, adaptadas à linguagem e estética dos memes e *stickers*, carregadas de humor e ironia, são difundidas em mídias digitais, como aplicativos de mensagens instantâneas a exemplo do *Whatsapp*. Não se intenciona desenvolver uma discussão legalista em torno dessas práticas midiáticas. Contudo, pretende-se, a partir de uma revisão bibliográfica sobre os formatos midiáticos memes (Dawkins (2007); Shifman (2013) e Lima-Neto (2014)) e *stickers* (Paiva (2015) e Melo (2019)) e da observação dos casos, discutir questões como a ausência de controle sobre a difusão de fotografias digitais clandestinas na internet; as implicações desse modelo de produção midiática; e os impactos dessas novas formas de interação com a tecnologia em ambientes educacionais.

Palavras-chave: Memes e *Stickers*; Humor e Ironia; Circulação; Fotografias Clandestinas; Professores; Cultura Midiática.

Abstract

This article presents the results of an ongoing research and aims to propose a reflection on the uncontrolled dissemination of clandestine photographs of professors at the Institute of Social Sciences, Education and Animal Science (Icsez) at the Federal University of Amazonas (Ufam), in Parintins-AM, who travel on social networks in the form of memes and stickers based on the concept of circulation discussed by Braga (2006 and 2017) and Fausto Neto (2011). This reflection started from the observation of occasional cases, although recurring, involving the practice of capturing images of teachers by students, without prior authorization, during the daily exercise of their professions or in social activities. These photographs, adapted to the language and aesthetics of memes and stickers, loaded with humor and irony, are broadcast on digital media, such as instant messaging apps like WhatsApp. It is not intended to develop a legalistic discussion around these media practices. However, it is intended, from a bibliographic review on the media formats memes (Dawkins (2007); Shifman (2013) and Lima-Neto (2014)) and stickers (Paiva (2015) and Melo (2019)) and the observation of cases, discuss issues such as the lack of control over the dissemination of clandestine digital photographs on the internet; the implications of this model of media production; and the impacts of these new forms of interaction with technology in educational environments.

Keywords: Memes and Stickers; Humor and Irony; Circulation; Clandestine Photographs; Teachers; Media culture.

INTRODUÇÃO

O uso indisciplinado das mídias móveis, a exemplo dos aparelhos celulares, dentro das salas de aula tornou-se um desafio recorrente na atividade docente, especialmente nos cursos de nível superior. São comuns os relatos de professores que, em determinado momento do exercício de suas funções, enfrentaram algum tipo de dificuldade para gerir a dispersão de alunos que usavam esses equipamentos durante as aulas. A preocupação, contudo, é ainda mais séria quando se verifica que o uso desses aparelhos está direcionado à produção de mídias com fotografias dos próprios professores para veiculação na internet.

Alguns aplicativos de conversas instantâneas como o *Whatsapp* oferecem um recurso que tem despertado a criatividade dos usuários. Tratam-se de mídias popularmente conhecidas como “memes” e “stickers”, que são figuras ou adesivos formados a partir de qualquer tipo de imagem que se tenha interesse, inclusive, fotografias de professores. Com esse recurso gráfico facilmente disponível, as imagens produzidas são livremente disseminadas em conversas entre os usuários conectados em rede. É mais, essas figuras podem ser salvas por quaisquer usuários que as receberem e, por sua vez, novamente replicadas infinitas vezes.

A facilidade de apropriação e replicação das imagens, com livre trânsito pelo fluxo da internet otimizam o seu potencial de circulação nas redes, uma circulação sem controle e sem limites, tendo em vista que tais arquivos, uma vez transmitidos, não podem ser rastreados por um usuário comum, em virtude do sistema de criptografia que protege o sigilo das mensagens instantâneas trocadas entre os usuários em interação online.

Diante do quadro apresentado, este artigo tem por objetivo propor uma reflexão acerca da difusão sem controle de fotografias clandestinas de professores, carregadas de humor e ironia, divulgadas em redes sociais sob a forma de memes e *stickers* a partir do conceito de circulação discutido por Braga (2006 e

2017) e Fausto Neto (2011). Discutimos, ainda, questões como a ausência de controle sobre a difusão de fotografias digitais clandestinas na internet; as implicações desse modelo de produção midiática; e os impactos dessas novas formas de interação com a tecnologia em ambientes educacionais.

A introdução das tecnologias midiáticas no cotidiano das pessoas tem forjado o que Santaella (1992) chama de cultura das mídias, que concedeu a seus usuários maior liberdade de escolha e consumo de conteúdos, canais de troca de informações, transfigurando o ambiente hegemonicamente dominado pela cultura de massa.

Para Paiva (2008), quando falamos em cultura midiática apreciamos as conexões entre a oralidade, visibilidade e tecnicidade, num momento em que deixamos de ser meramente agentes passivos numa comunicação e formação cultural massiva, excludente e vertical, e passamos à condição de agentes ativos num processo mais participante, interativo, literalmente comunicacional.

Eis uma perspectiva que concebe a cultura midiática como afirmativa, na medida em que esta pode levar os indivíduos e grupos sociais a modalidades de desenvolvimento, pela utilização dos processos técnicos como meios de intervenção na realidade, o que significa a conquista da autonomia, emancipação e inclusividade. (PAIVA, 2008, p. 5)

É sobre os hábitos que se desenvolvem nos meandros das práticas comunicacionais envolvidas na cultura midiática que lançamos o nosso olhar. Compreendemos que os processos de criação de memes e *stickers* fazem parte de um vasto repertório técnico e tecnológico midiático que se diversifica na medida em que são exploradas novas ferramentas de comunicação e que lhe são atribuídos novos usos.

As fotografias de professores que foram usadas em memes e *stickers* e que são aqui observadas são, especificamente, aquelas capturadas

clandestinamente, mas também há casos de imagens feitas com consentimento dos professores. A clandestinidade dessas fotografias reside no fato de que são produzidas sem a ciência ou concordância dos professores fotografados. A observação empírica levou em consideração relatos informais de colegas professores sobre o tema, além da coleta de memes e *stickers* compartilhados com os autores deste artigo.

Pelos relatos, depreende-se que essas imagens são feitas tanto no ambiente acadêmico, enquanto o professor exerce sua atividade profissional, quanto em ambientes fora da universidade. O que se percebe, inicialmente, é que essa prática tem acontecido amigavelmente, em tom de brincadeira e descontração entre alunos e professores, mesmo quando há pequenos sinais de constrangimento ou reprovação de algum docente por não ter gostado de como figurou nas imagens utilizadas.

Os casos observados empiricamente envolvem, pelo menos, quatro professores do curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia da Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ/UFAM), que tiveram suas identidades e imagens preservadas. Contudo, essa prática já foi verificada com o uso de fotografias dos próprios alunos e em ambientes externos à universidade, como em escritórios de empresas privadas e entre grupos informais de amigos e familiares.

Há que se salientar, entretanto, que, longe de intencionar conduzir esta discussão a uma esfera jurídica a respeito das consequências dessa prática ou a respeito de uma tipificação ou qualificação das intenções que as motivaram, o que se pondera neste artigo é a necessidade de observação a partir do campo da comunicação e dos processos midiáticos envolvidos na prática verificada, lançando olhar sobre seus reflexos no campo da educação, da linguagem e, principalmente, na produção e circulação simbólica envolvendo os professores fotografados.

A seguir, exploramos a conceituação dos gêneros meme e *sticker*, enquanto produtos midiáticos oferecidos pelo aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp* para, então, expandirmos a discussão sobre as fotografias clandestinas e sua circulação na internet.

2. Memes e *stickers*

O termo meme tem origem no campo da genética, quando o biólogo e escritor Richard Dawkins, em 1976, relacionou a palavra à capacidade de multiplicação dos genes (CANDIDO; GOMES, 2015). O pesquisador usou o argumento de que ambos – genes e memes – funcionam como replicadores, criando cópias de si. Enquanto os genes são replicadores biológicos, repassando para gerações futuras informações, os memes funcionariam como outro tipo de replicador, mas de ideias, que podem levar a outros tipos de evoluções. Nas palavras do autor, o meme é uma “unidade de transmissão cultural ou unidade de imitação” (DAWKINS, 2007, p. 330).

O desenvolvimento de uma consciência crítica que permite ao homem transformar a realidade se faz cada vez mais urgente. Na medida em que os homens, dentro de sua sociedade, vão respondendo aos desafios do mundo, vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora. (FREIRE, 2014, p.17)

Por sua vez, Shifman (2013) propõe três dimensões culturais que permitem às pessoas interagirem por meio de memes: conteúdo (ideias e ideologias), forma (percepção sensorial) e postura (posição dos usuários). Para a autora, embora os memes se espalhem em um ambiente micro, seu impacto está no ambiente macro, pela velocidade e alcance de difusão e divulgação cultural.

Knobel e Lankshear (2007) conceituam meme como “um termo popular para descrever a rápida aceitação e propagação de uma ideia particular apresentada como um texto,

imagem, linguagem, “movimento”, ou alguma outra unidade de “material” cultural” (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007, p. 202).

Já os *stickers*, de acordo com Paiva (2015), são tipos de pictogramas semelhantes aos *emojis*, disponibilizados pelas plataformas digitais. Nas palavras de Melo (2019), tratam-se de “imagens estáticas para representar emoções de forma diferente dos *emojis*, palavras ou áudios, em que o usuário pode criar as suas próprias ou baixar através de aplicativos” (MELO, 2019, p. 12). Essas figurinhas, como são popularmente conhecidas, podem funcionar também como ideogramas e, ainda, segundo Paiva (2015), têm cinco funções discursivas: substituir palavras, expressar emoção, indicar afeto, função de intensificador e expressar ironia.

Não foi encontrada na literatura pesquisada uma diferenciação tácita entre os conceitos de memes e *stickers*. Contudo, pela observação e práxis de uso desses produtos midiáticos, percebemos que uma diferença marcante entre ambos reside na aplicação discursiva de cada um. Enquanto os memes geralmente apresentam uma mensagem completa por si só – a exemplo de piadas e chistes que não precisam, necessariamente, ter uma conexão direta de contiguidade com uma fala, discurso ou assunto de um diálogo estabelecido –, os *stickers* funcionam como um elemento de ênfase discursiva, na medida em que geralmente são empregadas como partículas que se conectam expressamente com o discurso de um diálogo estabelecido, seja potencializando uma fala anterior ou introduzindo uma posterior entre os interlocutores.

Tanto os memes quanto os *stickers*, todavia, podem ser criados a partir de temas e imagens (ou personalidades) populares dentro de um grande número de pessoas ou que sejam conhecidos apenas por um pequeno grupo em particular. O conhecimento prévio e comum do tema e da personalidade envolvida é, portanto, condição para que esses produtos midiáticos surtam o efeito de sentido

intencionado entre os interlocutores interaguintes nos ambientes de conversação.

3. Humor e ironia

Outro elemento também comum e marcante em ambos os produtos midiáticos observados é a presença do humor e da ironia em sua linguagem. Estudando o humor, Maingueneau (1997) argumenta que o riso é derivado da alegria, da comédia. É quando o homem deixa de lado suas tensões e cai num estado de bem-estar, de prazer. Contudo, o autor ressalva que o mesmo riso que causa prazer é, muitas vezes, gerado pela desgraça alheia, uma forma de humilhar, de castigar e, até mesmo, colocar o sujeito em questão numa posição vexatória e penosa. É o que Deligne (2011) chama de riso “subversivo”:

A prática do riso requer um conhecimento do *hic et nunc* [aqui e agora], que temos que considerar, sob pena de cairmos num riso moral e politicamente incorreto: “injusto”. Todo o problema é perceber, no sentido normativo do termo, a economia do respeito ou desrespeito às restrições temporais, locais, pessoais ou finais, quer a norma venha do exterior ou de si mesmo; ou que a transgressão seja inconsciente ou sistematicamente voluntária. (DELIGNE, 2011, p. 43)

O tom cômico da linguagem dos memes e *stickers* pode ser alcançado tanto por uma composição gráfica que contenha texto e imagem, quanto por apenas uma imagem. Os sentidos da mensagem serão determinados pelas expressões corporais ou faciais das pessoas/cenas fotografadas. E, com o intuito de explorar mais fortemente o humor nessas mensagens, são escolhidas imagens que estimulem o cômico, o risível ou mesmo o jocoso e o escárnio. Não por acaso, é comum serem escolhidas para compor essas produções midiáticas aquelas fotografias feitas de surpresa, de forma inesperada, durante a fala da pessoa fotografada, em suas expressões

faciais mais enfáticas, seus trejeitos ou uma gesticulação mais incisiva, por exemplo.

Outro elemento recorrente da linguagem desses formatos é a ironia, que “subverte a fronteira entre o que é assumido e o que não é pelo autor” (MAINGUENEAU, 1997, p. 98). Enquanto a negação simplesmente rejeita um enunciado, utilizando um operador explícito, a ironia possui a propriedade de poder rejeitar, sem passar por um operador dessa natureza. O locutor coloca em cena um enunciador que adota uma posição absurda e cuja alocução não pode assumir: esse distanciamento é marcado por diferentes índices, tais como linguísticos, gestuais e situacionais.

A enunciação irônica apresenta a particularidade de desqualificar a si mesma, de se subverter no instante mesmo em que é proferida. Classifica-se tal fenômeno como um caso de polifonia, uma vez que esse tipo de enunciação pode ser analisado como uma espécie de encenação em que o enunciador expressa com suas palavras a voz de uma personagem ridícula que falasse seriamente e da qual ele se distancia, pela entonação e pela mímica, no instante mesmo em que lhe dá a palavra. (MAINGUENEAU, 2002, p. 175)

Conforme o autor, o interesse estratégico da ironia está no fato de que ela permite ao locutor escapar às normas de coerência que toda argumentação impõe. O autor de uma enunciação irônica produz, dessa forma, um enunciado que possui de uma só vez, dois valores contraditórios, sem, no entanto, ser submetido às sanções que isso deveria acarretar.

É recorrente o uso de memes e *stickers* para munir o discurso do efeito de ironia, a partir de sua capacidade polifônica. Ou seja, os interlocutores em diálogo nos aplicativos de mensagens instantâneas inserem em suas falas diversas vozes contraditórias com auxílio da linguagem de humor desses produtos midiáticos. Vozes essas que remetem diretamente às personalidades representadas

nas imagens e articulam com elas um esquema cognitivo de produção de sentidos para a emissão de uma mensagem.

A questão que está no cerne da reflexão aqui apresentada é o processo de produção de sentidos relacionado às personalidades representadas nas imagens, neste caso, os professores. O processo semântico que se desenvolve a partir de então produz reflexos diretos no processo de produção simbólica em torno dos docentes no ambiente acadêmico.

No sentido mais geral, a semântica faz parte de uma teoria semiótica mais ampla sobre comportamento significativo e simbólico. Portanto, não temos somente uma semântica das elocuições, ou atos da linguagem natural, mas também do comportamento não-verbal ou paraverbal, como gestos, pinturas, filmes, sistemas lógicos ou linguagens de computador, linguagens de sinais de surdo, e talvez, a interação social em geral. (DIJK, 1992, p. 36)

Como se pode compreender a partir das palavras de Dijk (1992), todos os significados explorados na linguagem dos memes e *stickers* – como elocuições e elementos não-verbais e paraverbais – resultarão na sua semântica e, conseqüentemente, nas formações simbólicas que envolvem as personalidades neles representadas.

Isso quer dizer que a linguagem dos memes e *stickers* refletirá diretamente na construção simbólica da imagem dos professores retratados em sua montagem. É uma linha tênue e sutil que pode determinar se uma construção linguística de humor resultou em uma abordagem cômica apreciativa ou depreciativa. Além disso, o contexto discursivo em que a figura ou adesivo foi inserido também determinará se ele adquiriu sentido elogioso ou jocoso.

Para Bergson (1983), qualquer representação envolve critérios subjetivos daquele que representa sobre o que é representado. Sendo assim, a forma como se buscará introduzir humor e ironia na linguagem dos produtos

midiáticos em questão repercutirá diretamente na imagem e nos sentidos simbólicos construídos em torno dos professores.

Neste ponto, apresenta-se uma preocupação ainda sem resposta: se, como alertou Deligne (2011), o riso pode ser subversivo, como estabelecer limites sobre o processo criativo de associação do humor e da ironia com as imagens de professores em mídias gráficas online, tendo em vista que se trata de uma prática tão fugaz e imprevisível? E outra igualmente ainda não solucionada: considerando-se o potencial de transmissibilidade inato dessas figuras e adesivos, conforme postulou Dawkins (2007), como orientar seus criadores sobre os cuidados em torno da replicação sem limites de suas criações na rede mundial de internet?

A busca por respostas para esses questionamentos se torna ainda mais urgente pela facilidade de acesso aos aplicativos gratuitos desenvolvidos especificamente para criação de figuras com esses formatos. Além disso, para instruir sua operação há inúmeros vídeos tutoriais também gratuitos explicando o passo a passo para exploração dos diversos recursos gráficos que eles disponibilizam.

4. Fotografias clandestinas e circulação

A adoção do termo fotografia clandestina não visa introduzir um viés legalista à discussão. A ideia de clandestinidade proposta reside na operação de um processo midiático que se estabelece à revelia da ciência ou consentimento das pessoas fotografadas, mesmo que as envolvam diretamente. Sendo assim, tratam-se de imagens capturadas clandestinamente, na maioria das vezes, disfarçada e sigilosamente.

Os aparelhos celulares podem ser facilmente manipulados e rapidamente operados durante as aulas por alunos, independentemente da autorização e controle dos professores. Além disso, por serem minúsculos e silenciosos, podem ser facilmente disfarçados entre os materiais escolares dos estudantes. Dessa forma, torna-se difícil para o professor ter

controle sobre o uso desses aparelhos e, conseqüentemente, sobre a captura de sua imagem.

Uma vez divulgadas pelas mídias digitais, essas imagens entram em um processo de circulação imprevisível, por meio de uma difusão sem controle. Qualquer pessoa que as receber pode salvá-las e reproduzi-las, sem que o professor fotografado tenha ciência da circulação de sua imagem. Isso traz reflexos diretos sobre os processos de produção simbólica e cultural dentro do universo acadêmico onde ambos – professor e aluno – estão inseridos.

[...] quando se trata de valores simbólicos e da produção e recepção de sentidos, o que importa mais é a circulação posterior à recepção. [...] O sistema de circulação interacional é essa movimentação social dos sentidos e dos estímulos produzidos inicialmente pela mídia. (BRAGA, 2006, p. 28)

Segundo o autor, o processo de circulação tem como base a formação de circuitos, definidos por ele como “a base objetivada para aquilo a ser repassado como circulação “de mãos em mãos”” (BRAGA, 2017, p. 45). É a respeito do fluxo comunicacional que se desenvolve com a circulação que refletimos.

O fluxo comunicacional é uma teia fluida por onde percorrem sentidos que podem ser construídos ou desconstruídos a partir do compartilhamento intermitente de informações. Na correnteza desses fluxos, os memes e *stickers* podem funcionar como vetores de propagação de sentidos que podem se tornar convenções dentro de um grupo e, por conseguinte, moldar as bases de construções simbólicas.

Mais do que respostas, compartilhamos questionamentos sobre as implicações da circulação das fotografias clandestinas de professores. Entre tantas outras, são questões como: quais os riscos ou vantagens decorrentes do processo de circulação dessas imagens? Qual o resultado dos processos de produção simbólica decorrentes dessa prática? Como

otimizar o emprego dessas mídias a favor da docência?

5. Considerações finais

As reflexões aqui apresentadas são os primeiros resultados de uma extensa pesquisa que pretendemos empreender sobre o uso de memes e *stickers* de professores por parte dos alunos em suas redes sociais.

Inicialmente, percebe-se que a diversidade de abordagens e o conteúdo de cada meme ou *sticker* irá interferir diretamente no processo de produção simbólica envolvendo o professor e, conseqüentemente, os riscos que podem oferecer e o potencial de aplicabilidade no exercício da atividade docente. Também se nota que o perfil da relação que o aluno mantém com o professor fotografado interfere diretamente no tom da mensagem construída e veiculada.

Entretanto, pelo processo de circulação, como prever a produção simbólica a partir de outros usuários interconectados que receberem os memes e *stickers* e não possuírem o mesmo perfil de relação? E os demais usuários que receberem a partir destes últimos?

Acerca dos impactos dessas novas formas de interação com a tecnologia em ambientes educacionais, percebe-se, inicialmente, o uso progressivo de tais imagens com objetivos de entretenimento por parte dos alunos. Da parte dos docentes, entretanto, foram verificados casos de uso dessas produções como ferramenta educacional.

Isso nos leva ao seguinte questionamento: é possível unir diferentes interesses, aproveitando o engajamento dos alunos na produção de imagens para fins de aprendizado? Experiências compartilhadas por professores, ainda que embrionárias, levam a crer que sim, mas são comuns os casos de profissionais que se sentem inseguros com esse novo cenário.

Há outros fatores que também podem interferir no uso dessas imagens com fins educacionais, entre elas a inexperiência dos professores com as novas formas de comunicação moderna e o receio da falta de

controle que se impõe por meio desse tipo de comunicação.

Este artigo não pretende encerrar as discussões que apresenta. Ao contrário, apresenta-se como um gérmen que busca ampliá-la e estimular discussões sobre inquietações que envolvem novas práticas cotidianas de uso das tecnologias de comunicação no ambiente docente e as formas de produção midiática em constante mutação.

A partir do que foi exposto, percebe-se que há bastante o que se discutir sobre o tema, especialmente quanto à possibilidade do uso pedagógico de memes e *stickers* por parte dos professores. Algumas poucas iniciativas no campo sugerem que educadores estão percebendo o potencial da linguagem das redes sociais, especialmente no que se refere ao uso de imagens, como um caminho para estabelecer uma comunicação mais atrativa com os alunos, dinamizando a comunicação já efetiva entre eles.

Referências Bibliográficas

BERGSON, Henri. **O riso**: Ensaio sobre o significado do cômico. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina; RABELO, Leon. (org). **Matrizes interacionais**: a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande-PB, EDUEPB: 2017.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus Campos Sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JÚNIOR, Jeder; e JACKS, Nilda (orgs.). **Mediação e Mdiatização**. Livro Compós 2012. Salvador: EDUFBA, p. 31-52, 2012.

BRUNET, Karla Schuch. **Fotografia por celular**: questionando novas práticas e dinâmicas de comunicação. Trabalho apresentado no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos - SP, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Disponível em:



- <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r1567-1.pdf>. Acesso em: 14 maio 2020.
- CANDIDO, Evelyn Coutinho Rother; GOMES, Nataniel dos Santos. **Memes: uma linguagem lúdica**. *Philologus*, Rio de Janeiro, ano 21, n. 63, p. 1293-1303, set./dez., 2015.
- DAWKINS, R. **O gene egoísta**. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, [1976] 2010.
- DELIGNE, Alain. De que forma o riso pode ser considerado subversivo? In: LUSTOSA, Isabel (org.). **Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- DIJK, Teun Adrianus Van. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1992.
- FAUSTO NETO, Antonio (Org.) **Las políticas de los internautas**. Buenos Aires: Editora La Crujia, 2011.
- KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. Online memes, affinities, and cultural production. In: KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. **A new literacies sampler**. New York: Peter Lang, 2007. p. 199-227.
- LIMA-NETO, V. **Um estudo da emergência de gêneros no facebook**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo – SP: Cortez, 2002.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3 ed. Campinas – SP: Pontes, 1997.
- MELO, Erildo Vitor Medeiros. **Ícones no design de interfaces: user experience e acessibilidade**. 55 f. Monografia (graduação) – Curso de Publicidade e Propaganda/UFRN, Rio Grande do Norte. 2019.
- PAIVA, Cláudio Cardoso de. **Elementos para uma epistemologia da cultura midiática**. *Culturas Midiáticas*, Paraíba, Ano 1, n. 1, jul./dez., 2008.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **A linguagem dos emojis**. *Trab. linguist. apl.*, Campinas, v. 55, n. 2, p. 379-401, Ago. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132016000200379&lng=en&nrm=iso. Acesso em 8 mai. 2020.
- SANTAELLA, L. **Cultura das Mídias**. S. Paulo: Experimento, 1992
- SHIFMAN, Limor. **Memes in a digital world: reconciling with a conceptual troublemaker**. *Journal of Computer-Mediated Communication*, State College, PA, v. 18, n. 3, p. 362-377, 2013.